

MOTIVOS FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS À ESCRAVIZAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL COLÔNIA

Marcos Eduardo de Souza Lauro, Ana Luiza Souza Mendes
CIÊNCIAS ECONÔMICAS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Introdução

O presente artigo vem analisar por outra ótica a história econômica, analisar pela ótica que geralmente é tida como secundária no estudo histórico da economia: a visão do por que do não, diferente do porque do sim quando se trata do passado. Assim, o objetivo aqui é de explicar os motivos favoráveis e desfavoráveis à implantação de um amplo sistema de tráfico indígena na América portuguesa durante o período em que o Brasil foi colônia de Portugal. Em síntese, o presente trabalho não tem a preocupação em discutir o “por que do sim” que levou ao escravismo negro na América portuguesa, mas o “porque do não” aproveitamento da mão-de-obra indígena disponível na economia.

Métodos, procedimentos e materiais

Trata-se de uma análise feita através de uma revisão bibliográfica que tenta mostrar mais do que a visão simplista que o índio só não foi aproveitado como mão-de-obra escrava porque era “preguiçoso”, chegando à conclusão de que vários outros motivos foram responsáveis por isso e não só por parte do índio, mas também motivos do sistema como um todo, sejam em seus aspectos econômicos, humanos ou ambientais. Como no geral a história vem para explicar o que aconteceu e não o porquê dos fatos que não aconteceram, as dificuldades encontradas na produção deste artigo é que não há livros específicos e a bibliografia correspondente ao tema ou explica apenas alguns dos fatores ou os trás como breve citação na explicação da escravidão negra, ou até mesmo passa rapidamente pelo tema, utilizando-se do senso comum do índio como uma pessoa preguiçosa. Trata-se do “por que do não” ao invés do “por que do sim” mais comum no estudo histórico.

Resultados e discussão

A dessocialização - processo no qual o indivíduo a ser escravizado é separado de sua terra natal - e a despersonalização - mudança da forma como este homem é visto e como ele se vê, mudando sua imagem de uma pessoa para um ser semelhante a um objeto irracional - nessa ordem, se fazem como forma essencial de transformação do homem livre em escravo, desligando-o de seus próprios pensamentos, transformando-o em animal. No caso do escravo negro, houve a formação dos quilombos, sendo o mais conhecido destes o Quilombo dos Palmares formado no século XVII, enquanto que, por parte dos índios, eles se revoltavam frequentemente, revoltas estas que eram de extrema violência para com os europeus que haviam os escravizados (MEILLASSOUX, 1998 apud GUIMARÃES, 2010, p. 126; ALENCASTRO, 2000, p. 144-148). Os motivos favoráveis são a extensão das terras brasileiras e a diversidade étnica indígena, enquanto que, do lado dos fatores desfavoráveis, há a falta de rotas de comércio entre tribos e comunidades distantes, a Alianças entre portugueses colonos e colonizadores com os índios, a fragilidade biológica dos índios, e mais dois fatores de ordem econômica: a dificuldade da navegação costeira Norte-Sul do Brasil e a engrenagem do sistema colonial sul-atlântico.

Conclusão e referências

Percebe-se que os motivos favoráveis foram os motivos que não dependiam da metrópole, ou seja, a extensão do território brasileiro e a diversidade étnica dos índios, os quais juntos, apesar de favorecerem em certos casos a escravidão indígena no Brasil dos séculos XVI e XVII, não foram suficientes para alterar a estrutura econômica da colônia, perfazendo assim secundários para a formação da mão-de-obra no Brasil, afinal, não foram suficientes para que os índios fossem escravizados. Com um peso maior, os fatores desfavoráveis, diferentemente

dos favoráveis, brotaram de todas as esferas, contribuindo portanto para a escravização negra superar em quantidade a escravização indígena.

ALENCASTRO, Luis Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 525 p. CATHARINO. Trabalho índio em terras da Vera Cruz ou Santa Cruz e do Brasil: tentativa de resgate ergonológico. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995. 628 p. FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 30ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 248 p. GALA, Paulo. Formação do Brasil no Atlântico Sul. In: MARQUES, R.M.; REGO, J.M. (Org.). Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 25-57. GORENDER, Jacob. O escravismo colonial. 2 ed. São Paulo: Ática, 1978. 591 p. (Ensaio ; 29). FREIRE, Gilberto. Casa-grande y senzala: La formación de la familia brasileña en un régimen de economía patriarcal. Tradução de Antonio Maura Barandiarán. Madrid: 2010. PINSKY, Jaime. Escravidão no Brasil. 16 ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando a História).

Palavras-Chave: Índio, Escravidão; Brasil Colônia; Mão-de-obra; História Econômica; Formação Econômica do Brasil

Contato: meslauro@gmail.com